

Seis sentidos de técnica na investigação heideggeriana

Six Aspects of Method in Heideggerian Research



10.21680/1983-2109.2026v34n70ID42055

Anderson Plebani

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

akplebani@hotmail.com

Resumo: O presente artigo busca articular seis sentidos fundamentais para a noção de técnica na investigação heideggeriana, propiciando uma visão panorâmica. São estes: instrumental-antropológico (a técnica ou tecnologia entendida como instrumento ou aparato, como meio para um fim); ôntico (a técnica entendida como o trazer-adiante um ente); topológico (a condição de relacionalidade e dependência do trazer-adiante moderno); ontológico (o ser do ente próprio ao trazer-adiante moderno como disponibilidade); histórico-ontológico (a destinação histórica do ser do ente); e composicional (a época da composição como a concentração dos sentidos prévios). Além de oferecer esses conceitos como modos de acesso aos diferentes sentidos do tema filosófico da técnica ou tecnologia moderna, o artigo também defende a relevância de uma abordagem positiva em relação a sentidos que, em geral, são deixados de lado pela literatura especializada. O trabalho se concentra nas duas principais fontes do *corpus* heideggeriano sobre o tema: os *Seminários de Bremen*, um conjunto de quatro seminários ministrados no ano de 1949; e a célebre conferência de 1953, *A Pergunta pela Técnica*. Como conclusão, tenta-se mostrar que esses seis sentidos estão articulados entre si compondo a estrutura fundamental da investigação heideggeriana da técnica.

Palavras-chave: pro-dução [*Herstellen*]; requisição [*Bestellen*]; circuito de requisição [*Kette des Bestellens*]; disponibilidade [*Bestand*]; desvelamento [*Unverborgenheit*]; com-posição [*Ge-Stell*].

Abstract: This article aims to identify six fundamental meanings for the notion of technology in Heidegger's philosophical investigation. These meanings are as follows: instrumental-anthropological (technology understood as an instrument, a dispositive, a mean for a human end); ontic (technology understood as the bringing-forth of a being); topological (the condition of relationality and dependence of modern bringing-forth); ontological (the Being of beings of modern bringing-forth as standing reserve); historical-ontological (the historical destiny of the Being of beings); and compositional (the epoch of composition as the concentration of previous meanings). In addition to offering these concepts as modes for accessing the different meanings technology as a philosophical theme, this article also argues for the relevance of a positive approach to some meanings that are generally ignored by specialized literature. This text focuses on the two main sources of Heidegger's approach to technology: the *Bremen Seminars*, a set of four seminars held in 1949; and the famous 1953 lecture, *The Question Concerning Technology*. As a conclusion, an attempt is made to show that these six meanings are articulated with each other and compose a fundamental structure of Heidegger's inquiry into technology.

Keywords: bringing-forth [*herstellen*]; ordering [*Bestellen*]; circuit of requisitioning [*Kette des Bestellens*]; standing reserve [*Bestand*]; unconcealment [*Unverborgenheit*]; positionality [*Ge-Stell*].

Introdução

Desde a primeira metade do século XX, Heidegger se esforça para recolocar a pergunta pelo sentido do ser. Na década de 1950, a questão permanece orientando o pensamento do filósofo, mas é confrontada então com o contexto da crescente tecnicização global. Um dos principais resultados do expediente filosófico de Heidegger é lançar luz ao fato de que a técnica moderna favorece uma obstrução à

própria colocação da pergunta pelo sentido de ser. Mas o caminho investigativo que conduz a esse resultado (e a muitos outros) é complexo. Em geral, os comentários a esse tema destacam o deslocamento que Heidegger faz da tecnologia para a essência da técnica e se concentram no conceito de com-posição [*Ge-Stell*]. De fato, este conceito ocupa o ponto alto da reflexão. O presente artigo, contudo, toma um caminho diferente. Nosso trabalho toma por objetivo oferecer recursos interpretativos para um acompanhamento do *trajeto* que se desdobra no pensar a essência da técnica. Afinal, trata-se de erguer uma pergunta (*a pergunta pela técnica*) e demorar-se em suas paragens. Para isso, mobilizam-se conceitos para identificar os principais sentidos evocados na investigação heideggeriana em torno da essência da técnica moderna. Cada tópico deste artigo se ocupa com um destes seis sentidos:

- instrumental-antropológico (técnica ou tecnologia entendida como meio para um fim);
- ôntico (técnica entendida como o trazer-adiante um ente);
- topológico (condição de relacionalidade e dependência do trazer-adiante moderno);
- ontológico (ser do ente próprio ao trazer-adiante moderno);
- histórico-ontológico (destinação histórica do ser do ente);
- e composicional (época da composição como concentração dos sentidos prévios).

Além de oferecer esses conceitos como modos de acesso aos diferentes sentidos do tema filosófico da técnica ou tecnologia moderna, este artigo também defende a relevância

de uma abordagem positiva em relação a sentidos que em geral são ignorados ou desprezados pela literatura especializada.

Em nosso percurso, tomaremos duas principais fontes do *corpus* heideggeriano: os *Seminários de Bremen* [*Bremen Seminar*], um conjunto de quatro seminários ministrados no ano de 1949; e a célebre conferência de 1953, *A pergunta pela técnica* [*Die Frage nach der Technik*]. Ambos são os textos mais maduros e focados de Heidegger sobre a técnica.

1. O sentido instrumental-antropológico

A resposta para a questão titular da conferência *A pergunta pela técnica* é apresentada já nos parágrafos iniciais. Pelo menos porquanto a questão for “o que é técnica?”. Nesse caso, a resposta é dupla: técnica é meio para um fim (ou seja, um instrumento); e técnica é um feito humano (a técnica é do domínio do *anthrôpos*, é antropológica). Essas respostas convergem na noção instrumental-antropológica de técnica: “estabelecer fins e para isso arranjar e empregar os meios constitui um fazer humano” (Heidegger, 2000, p. 7; trad. p. 376)¹. Assim, a pergunta “o que é técnica?” encontra na noção instrumental a resposta correta. O correto, destaca Heidegger, é aquilo que “se adapta ao que se tem diante dos olhos” (Heidegger, 2000, p. 8; trad. p. 376). Ao falarmos de técnica, portanto, temos diante de nós um instrumento feito pelo humano e que serve para fins humanos. Com efeito, quando temos diante de nós uma tal coisa, chamamos isto de “técnica”,

¹ Enquanto a primeira paginação refere o texto original, aquela que aparece após a expressão “trad.” refere a versão traduzida, também incluída na Bibliografia. Doravante, usaremos essa organização para referir os textos de Heidegger.

“tecnologia”, “dispositivo”, “aparelho”, “artefato” ou tantos outros sinônimos para um mesmo fenômeno.

Heidegger identifica três problemas na noção correta de técnica: primeiro, que compreender a técnica como meio para fins implica tomá-la como neutra, entendendo que a solução para os problemas causados pela técnica moderna seria apenas uma questão ética, acerca do *como* usar a técnica; segundo, que a noção instrumental-antropológica de técnica é tão “sinistramente correta” que ela vale tanto para a técnica moderna quanto para a técnica antiga; e, por fim, que apesar de ser correta, a noção instrumental-antropológica não responde à pergunta pela essência da técnica.

Por conta desse último problema, nota-se nos comentários e interpretações uma tendência em tomar essa primeira mirada da investigação heideggeriana como um “estágio preliminar”, como a parte “negativa”, o estrato que Heidegger apenas recusa no caminho em direção a uma relação livre com a técnica (Borgman, 2005, p. 420). Dessa forma, a aparição preliminar de uma “resposta correta” pode ser considerada apenas como um momento retórico, o qual é imediatamente suplantado pela afirmação de que “o que é meramente correto ainda não é o verdadeiro” (Heidegger, 2000, p. 9; trad. p. 377). Essa abordagem gera dois equívocos: obstrui uma interpretação positiva do pensamento de Heidegger com a tecnologia; e, dada essa obstrução, enseja a taxação de a filosofia heideggeriana promover uma demonização da tecnologia. O interesse do filósofo é dirigir o pensamento para a essência da técnica, de fato. Movido por tal interesse, a noção correta de técnica (a noção instrumental-antropológica) pode ser entendida como não oferecendo mais do que um ponto de partida para a reflexão sobre a técnica. Mas esse ponto de partida não é contingente. Enquanto ponto de partida para uma reflexão fenomenológica, vale pontuar que a acepção correta nunca é abandonada. A

partir de um dado fenomênico simples como a presença de algo enquanto um instrumento tecnológico, a reflexão que Heidegger põe em curso opera uma redução fenomenológica. Nesse sentido, a noção corrente é responsável por acionar e manter vigente todo o percurso da investigação. E mais: é responsável por delimitar toda a investigação heideggeriana sobre a técnica no interior da história do Ocidente, precisamente porque é esse fenômeno historicamente condicionado que desencadeia a investigação. Ao deslocar a investigação da noção correta para a “essência da técnica”, podemos notar a presença do advérbio temporal “ainda” [*noch*] como mediador dessa troca: “(...) o que é meramente correto *ainda* não é o verdadeiro”; “(...) a correta determinação instrumental da técnica não nos mostra *ainda* sua essência”. A presença do advérbio sugere, por um lado, que a noção correta efetivamente identifica o fenômeno da técnica, o circunscreve, mas, por outro lado, tal fenômeno “ainda” precisa receber outra mirada, para então ser tomado em sua essência:

Havíamos dito, contudo, que a determinação instrumental da técnica estava correta. Com certeza. A certeza afirma sempre alguma coisa que é adequada ao que está à frente. Mas para ser correta, a afirmação não necessita de modo algum desocultar em sua essência o que está à frente. Somente onde um tal desocultamento acontece dá-se o que é verdadeiro. Por isso, o que é meramente correto *ainda* [*noch*] não é o verdadeiro. Somente o verdadeiro nos leva a uma livre relação com o que nos toca a partir de sua essência. De acordo com isso, a correta determinação instrumental da técnica não nos mostra *ainda* [*noch*] sua essência. Para que possamos chegar a ela, ou pelo menos à sua proximidade, devemos procurar, *passando pelo que é correto* [*durch das Richtige hindurch*], aquilo que é verdadeiro. (Heidegger, 2000, p. 9; trad. p. 377, grifo meu)

Por isso, defendo que a mirada fenomenológica está condicionada a passar pela noção correta, não só no sentido

de um ultrapassamento que abdica, mas no sentido de compor o caminho que leva para onde se pretende ir².

Há outro detalhe que se deixa passar quando essa acepção é rapidamente interpretada como provisória e negativa. Já mencionamos que Heidegger pontua como limitação dessa noção a impossibilidade de operar com ela uma distinção entre técnica antiga e técnica moderna. Esse fato em isolado, a saber, de o próprio autor identificar um problema em uma determinação essencialista da técnica, deveria pôr em suspeita as críticas que são endereçadas ao pensamento heideggeriano sob este mesmo mote. Oras, é também porque a noção instrumental-antropológica não permite reconhecer a transformação histórica (a ruptura com um modelo essencialista atemporal) da técnica que Heidegger pretende aprofundá-la.

Na contramão dos comentários e das interpretações acerca do pensamento heideggeriano sobre a técnica, conseguir apropriar-se antecipada e positivamente da noção correta e corrente de técnica ainda nos oferece um recurso para confrontar a recorrente taxaço do pensamento heideggeriano como promovendo uma demonia da técnica. Nas ocasiões que Heidegger tenta impedir esse tipo de taxaço, o filósofo se aproveita precisamente do sentido instrumental-antropológico. Evidência disso é que nunca é o artefato técnico *per se* que é vinculado por Heidegger à sua noção de “perigo da técnica”. Pelo contrário, na medida em que passa a tratar da noção de perigo [*Gefahr*], o filósofo ocasionalmente

² Dahlstrom também reconhece essa pertinência fenomenológica da noção correta de técnica: “Determinar o que a tecnologia é, *i.e.*, como ela é ordinariamente compreendida, é apenas o primeiro passo em determinar sua essência. Mas enquanto primeiro passo não há determinações sequentes da essência da tecnologia sem ela” (Dahlstrom, 2019, p. 46, tradução minha).

retoma a noção instrumental para afirmar precisamente que o perigo *não está no artefato técnico*, que o problema nunca é da tecnologia por si mesma. Na conferência de 1953, Heidegger afirma: “A *técnica não é o que há de perigoso. Não existe uma técnica demoníaca*, pelo contrário, existe o mistério da sua essência. A essência da técnica, enquanto um destino do desabrigar, é o perigo” (Heidegger, 2000, p. 29; trad. p. 390, grifo meu). De forma semelhante, o autor já havia afirmado nos *Seminários* de 1949: “A essência da com-posição [*Ge-Stell*] é, contudo, o perigo. Mas consideremos com clareza: a com-posição não é o perigo por ela ser a essência da técnica e por ameaçar e trazer efeitos perigosos da tecnologia. O perigo é a com-posição, não como técnica, mas sim como o *seer*” (Heidegger, 1994a, p. 62, tradução minha). Compondo então parte do posicionamento positivo de Heidegger, a rejeição ao sentido instrumental-antropológico de técnica na literatura especialista constitui uma grave falta.

Uma apropriação positiva desse sentido de técnica pode oferecer algumas considerações interessantes. Tomemos aqui a crítica de Heidegger ao equívoco de se compreender o instrumento como algo neutro³. Na análise existencial elaborada ainda na época de *Ser e Tempo*, Heidegger reconhece que as relações estabelecidas com as coisas intramundanas implicam um modo específico de abertura ao mundo (de aparição da totalidade das relações). Logo, quando mediada por instrumentos, a relação implica um modo específico de abrir e habitar o mundo. Nesse sentido, o humano não é um mero sujeito S que está em relação com

³ A rigor, a crítica é corretamente atribuída ao sentido instrumental-antropológico, mas sua justificação só ocorre no tratamento do sentido histórico-ontológico: para Heidegger, é fundamentalmente a *essência* da técnica que não é neutra, uma vez que a destinação histórica da essencialização da técnica modifica o humano. Mas isso veremos em pormenores adiante neste artigo.

objetos X, Y e Z e que, apoderando-se de um instrumento, continua sendo o mesmo sujeito em relação aos mesmos objetos, apenas acrescido de um instrumento. O que ocorre é que, em se apropriando de instrumentos, transforma-se também a totalidade das relações do humano com o mundo, o mundo se abre de modo distinto: as coisas ganham possibilidades distintas (e perdem outras), assim como o humano ganha possibilidades de ser diversas (e perde outras). Tomemos um exemplo dramático: primeiro imaginemos uma situação, uma fila de supermercado, na qual alguém se posta de mãos vazias; depois, imaginemos a mesma situação, mas agora aquele alguém está portando uma arma de fogo. A relação que este mesmo humano terá com aquilo que o circunda é clara e absolutamente distinta em cada caso. O mundo se abre de modo distinto para este humano, suas possibilidades de ser se modificam drasticamente. O exemplo é dramático, mas ele evidencia que a técnica em sentido instrumental-antropológico não é neutra, sua não-neutralidade incide precisamente sobre a abertura da rede de significações que constitui o mundo circundante daquele que se apropria de instrumentos⁴.

2. O sentido ôntico da técnica (o pro-duzir [Herstellen] da requisição [Bestellen])

Fazer ou produzir uma escadaria implica, de modo geral, tomar os materiais necessários e trabalhar com eles ao ponto de arranjá-los em conformidade à forma do produto almejado. Podemos tomar o produzir sob várias perspectivas. Uma perspectiva econômica poderia, por exemplo, considerar para

⁴ Uma investigação fenomenológica sobre o tema da tecnologia no sentido tratado neste tópico pode ser encontrada nos trabalhos de Don Ihde (cf. 1990).

uma determinada convenção valorativa (moeda) o valor da pedra, das ferramentas, do trabalho envolvido na produção e, por fim, da escada como produto. Uma perspectiva sociológica poderia tomar a função que a pedra ocupa em um determinado contexto social e avaliar a função que a escadaria terá nesse mesmo contexto. Podemos ainda tomar a produção sob uma perspectiva ôntica.

A expressão “ôntico” deriva do termo “ente” [*ens*, ὄντως], sendo este o particípio do verbo ser. “Ente” exprime, portanto, que algo é. Nos trabalhos de Heidegger, o ente é sempre apresentado em sua estrutura fenomenológica mais simples como “aquilo-que-está-adiante”. É apenas a partir de uma postura preliminar em relação ao ente, por si mesma não tematizada, que “aquilo-que-está-adiante” pode ser entendido e vinculado a diferentes paradigmas, como o da materialidade (o ente material), da divindade (o ente divino), da abstração (o ente abstrato) *etc.* Em todo caso, o estar-adiante antecede qualquer determinação ontológica que possa derivar dali. Heidegger sempre dialoga com esse sentido fundamental de entidade, furtando-se a qualquer determinação que possa sobrecarregar de partida o mero “estar-adiante”. Nota-se, contudo, que já nessa determinação “genérica” está embutido também um teor fenomenológico: o ente não é apenas um algo que é ou que está, mas sempre um estar-*a-diante*. Esse “adiante” indica não o lugar concreto no qual algo está posto, mas sim o estar *diante de* algo, *de frente* a alguém. O importante, portanto, é que algo comparece diante de nós e que o estar-adiante enquanto tal (o próprio fato de haver entes, o ser-um-ente por si mesmo) nos provoque a pensar. O pensamento que se desdobra a partir dessa mirada consiste em um pensamento inicialmente orientado pelo sentido ôntico. Diversas direções podem ser tomadas a partir dessa mirada. Dentre elas, pensar o sentido ôntico do produzir, como visamos fazer neste tópico.

Sob a visada ôntica, o que então significaria “produzir”? O ente diante de nós pode ter adquirido tal “estar-aí” de duas formas: o vir-adiante natural (por si mesmo) ou o vir-adiante produzido (através de algo outro que si mesmo). No caso do “vir-adiante” natural, pensa-se nos processos naturais que não só transformam o que já é, mas que também trazem-adiante algo de novo. Um ente também pode ter vindo-adiante a partir do esforço humano, como um feito. Em Heidegger, quando apresentado em termos ônticos, o produzir [*Herstellen* ou *Hervobringen*] aparece precisamente como um “pôr-adiante” [*her-stellen*], de modo que esse “pôr” [*stellen*] designa as várias modalidades do fazer humano responsáveis pelo que está adiante no modo como está adiante. Em diferença ao vir-adiante da natureza, portanto, a produção humana implica um “trazer-à-frente” [*her-vor-bringen*]. O humano tem parte no vir-adiante de algo, e, inversamente, aquilo que vem-adiante não dispensa a participação humana. Na medida em que o humano mobiliza uma determinada coisa já disponível para ele (como uma pedra), para ao fim da mobilização apresentar outra (como uma escadaria), ele está onticamente “pro-pondo” um ente. É essa “pro-posição” (pôr adiante) ôntica que entendemos como uma “pro-dução”. Uma “pro-dução” no sentido de quem faz algo e diz sobre o feito: “antes não havia, agora há”. Este é o sentido ôntico da produção técnica:

É apenas quando a φύσις [*phúsis*] vige que a θέσις [*thésis*] se torna possível e necessária. Pois apenas quando há algo presente que foi trazido por uma pro-dução [*Hervobringen*] pode o pôr [*Stellen*] do humano, θέσις, arranjar na presença (*i.e.*, a pedra) e a partir dessa presença (pedra) uma outra presença (uma escadaria de pedra e seus degraus), aqui entre o que já está presente (as pedras e o solo naturais). O que aqui se apresenta (a escadaria de pedra) está presente ao modo de algo que, a partir do pôr do humano [θέσις], *i.e.*, produção [*Herstellen*], torna-se duradouro (Heidegger, 1994b, p. 64, tradução minha).

Há no sentido ôntico a pretensão de ser ele “mais fundamental” do que qualquer outra mirada possível. Isso porque a produção ou a mera existência de algo sempre pressupõe o seu sentido ôntico. Uma escadaria pode ser produzida sem que se atribua a ela qualquer valor econômico. Ela também pode ou não ter uma função social (uma escadaria em ruínas ainda é uma escadaria, mesmo que não funcione para ninguém). Mas uma escadaria produzida, porquanto existir, nunca deixará de ter seu sentido ôntico. Esse sentido pode não ser apreciado pelo pensamento, mas reserva a possibilidade de ser por ele evocado a qualquer momento.

Mas, para além de entendê-lo como fundamental, qual é o ganho em explorar esse sentido? Não parece que, uma vez constatado, o sentido ôntico de algo se reduz a sua mera constatação? Mobilizar essa mirada vem com a pretensão de focar em aspectos não manifestos de outro modo. A mirada ôntica desvia o pensamento sobre a técnica da direção de uma reflexão sobre as “técnicas” empregadas no produzir, assim como desvia da direção do “produto” enquanto tal. Em suma, ela não está interessada com a técnica ou a tecnologia em si mesma, mas se ocupa com o mencionado “trazer-adiante”. “O decisivo na *téchnē*, desse modo, não consiste no fazer e manejar, não consiste em empregar meios, mas no mencionado desabrigar; enquanto tal, mas não enquanto aprontar, a *téchnē* é um levar à frente” (Heidegger, 2000, p. 14; trad. p. 380-381).

Empregamos acima a expressão hifenizada “pro-duzir” por duas razões.

Primeiro, por uma questão etimológica. O verbo latino “*producere*” é composto pelas seguintes expressões: o radical “*ducere*”, que significa “levar a”, “conduzir”, “liderar”; e o prefixo “*pro*”, que significa “à frente de”, “diante”. Assim,

temos o sentido de “trazer adiante”, “pôr adiante”, em conformidade ao entendimento heideggeriano sobre ente como “aquilo-que-está adiante”, o pro-duzir significa precisamente o pôr adiante aquilo que antes não se encontrava adiante, aquilo que antes não era ente. Isso remonta à consagrada definição de Platão sobre o poetar: trazer do não ser ao ser. Afirmo o ateniense: “(...) tu sabes que ‘poesia’ é um termo de uso amplo. Sabes, além do mais, que, quando algo – seja o que for – passa do não ser ao a ser, a causa plena disso é ‘poesia’, de forma que as criações de todas as técnicas são poesia e os produtores dessas coisas são todos poetas” (Platão, 2017, 205b – 205c).

A segunda razão para o emprego da expressão “pro-duzir” é de economia terminológica. O trabalho de Heidegger é envolto em uma série de termos que circundam o sentido ôntico do pro-duzir e nem sempre a exposição desse sentido ocorre de maneira transparente no texto heideggeriano. Concentrá-lo em uma única expressão pode facilitar nosso trabalho interpretativo e propositivo. No caso da conferência *A pergunta pela técnica*, “stellen” (pôr, colocar), “her-vor-bringen” (trazer-à-frente, pro-duzir) e “entbergen” (descobrir, trazer-do-oculto-para-o-desoculto), são todas expressões mobilizadas para o momento da investigação no qual Heidegger está trabalhando o sentido ôntico da produção e simultaneamente diferenciando, neste âmbito, a produção da técnica antiga da produção da técnica moderna⁵. É um

⁵ É importante destacar, contudo, que em muitas ocasiões o verbo “pôr” [stellen] não refere diretamente o estar-adiante enquanto um colocado-adiante ou trazido-adiante, isto é, o “pôr” ao modo humano. Nesses outros casos, o verbo “pôr” refere algo mais genérico, refere o fato de que há coisas adiante, já postas de algum modo ou de outro. Genérico, portanto, no sentido de não qualificar se esse “pôr” é ao modo natural (posto por si mesmo) ou técnico (posto por algo outro), apenas constatar que há algo

momento relativamente turbulento do texto porque: por um lado, é a “passagem” do discurso corrente acerca da natureza da técnica (da noção instrumental-antropológica de técnica) para o discurso ôntico (da técnica como trazer-à-frente); por outro lado, porque neste contexto, notamos que Heidegger está lutando para não recorrer a uma linguagem metafísica (ou seja, está buscando condições para uma “relação livre com a técnica”). Já nos *Seminários de Bremen*, Heidegger emprega quase que exclusivamente a expressão “pôr” [*stellen*] para designar a produção técnica. Contudo, o sentido ôntico permanece implícito ao longo das conferências. Ao final da terceira conferência [*Die Gefahr*] a expressão é explicitada em seu sentido ôntico, servindo retroativamente para qualificar o sentido do “pôr”. No interior dessa variação terminológica, decidimos então pelo “pro-duzir”⁶.

A pro-dução moderna não se desdobra como um puro trazer-adiante (que Heidegger imagina ocorrer na técnica antiga), mas há uma especificidade quando o pro-duzir moderno conduz algo do não ser ao ser. O filósofo descreve vários modos de produção típicos da modernidade. Começa pela extração. Algo é trazido-adiante através do explorar a

posto e, por consequência, há algum modo de “pôr” – ainda não explicitado – através do qual esse algo se encontra adiante.

⁶ A famosa expressão heideggeriana “*unverborgen*” (desvelar) não refere o sentido ôntico da produção, mas refere aquilo que adiante neste artigo trataremos como o sentido histórico-ontológico da técnica. Um detalhe importante nessa distinção é salientar que, quando Heidegger está trabalhando o sentido ôntico da pro-dução, ela é circunscrita ao fazer humano. No curso de sua investigação acerca da “essência da técnica moderna”, contudo, Heidegger irá elaborar um caráter não-humano do vir-adiante referente à técnica moderna, trata-se não da produção do ente, mas da *doação do ser do ente*. A esse sentido notamos que o filósofo reserva o termo “*Unverborgenheit*”, desvelamento. Introduzimos essa advertência agora apenas para garantir que o “pro-duzir” [*herstellen, hervorbringen, entbergen*] não seja equalizado ao “desvelar” [*unverborgen*].

natureza, removendo inicialmente o recurso dela. O ente que não estava adiante é trazido adiante em tal extração. Outro modo do pro-duzir moderno é o da transformação. O extraído da natureza é transformado e reconfigurado. Outro modo do pro-duzir da técnica moderna é o armazenar. O extraído e transformado é pro-duzido de tal forma a poder se comportar no interior de uma estrutura de armazenamento ao lado de tantos outros itens já extraídos e transformados. A própria extração e transformação são antecipadamente regidas pelo armazenar enquanto outro modo do colocar-adiante. Outro modo de pro-dução da técnica moderna que segue esse encadeamento é o da distribuição. O ente extraído, transformado, armazenado agora é encaminhado para uma rede de distribuição e porventura encontra aplicação. Extração, transformação, armazenamento, distribuição, aplicação. A pluralidade dos modos de pro-dução modernos é reduzida por Heidegger em uma única noção: “*Bestellen*”.

O termo alemão é polissêmico, podendo ser traduzido para o português de diversas maneiras. Heidegger aproveita essa polissemia e conforma a contextos distintos, para referir tanto à pro-dução antiga quanto à pro-dução moderna. “O campo que o camponês antigamente preparava [*bestellte*]” se mostrava para ele, i.e., vinha-à-presença, de tal forma que o “preparar/cultivar” [*bestellen*] significava “semear a semente” de maneira a “entregar a semente às forças do crescimento e proteger seu desenvolvimento” (Heidegger, 2000, p. 16; trad. p. 381, leves alterações para paráfrase). Após essa exposição, Heidegger contrapõe: “Entretanto, também a preparação do campo [*Feldbestellung*] entrou na esteira de um tipo de preparação [*Bestellens*] diferente, (...) o campo é agora uma indústria de alimentação motorizada” (Heidegger, 2000, p. 16; trad. p. 381-382). A partir daqui o termo “*bestellen*” será utilizado no texto heideggeriano apenas para referir o pro-duzir moderno, e significará “ordenar”, “demandar”,

“solicitar”, “encaminhar”, “requisitar”. Todas essas alternativas referem um sentido pontual de *requerer*: o exigir de algo que esse algo tome providência em relação à exigência, que se comporte da maneira solicitada, que entre no enquadramento [*Gestellung*] da requisição [*Bestellen*]: “O solo da terra é invocado em tal pôr [*Stellen*] e é atacado [*befallen*] por ele. É requisitado [*bestellt*], forçado ao enquadramento [*gestellung*]”. E a referência termina com o arremate: “é assim que compreendemos a palavra ‘requisitar’ [*bestellen*] aqui e no que segue” (Heidegger, 1994a, p. 27). Ou seja, de uma produção antiga ou manual, passa-se a falar então de uma produção impessoal, alienada ou até mesmo violenta, na qual o pro-duzir está sempre submetido a uma rede de requisições. “*Herausfordern*” é outra expressão que Heidegger emprega, tanto nos seminários de 1949 quanto na conferência de 1953, para elaborar o modo “dominante” [*durchherrscht*] ou “imperante” [*waltende*] do pro-duzir da técnica moderna. A produção técnica moderna tem, portanto, esse caráter geral de “pro-vocar” ou “desafiar” [*herausfordern*] aquilo que está implicado no pro-duzir. A requisição ocorre simultaneamente como uma “provocação”. “Para a técnica, a realidade do mundo é uma provocação” (Stein, 2002, p. 161).

Não precisamos ficar restritos a esses exemplos mais óbvios da produção moderna enquanto pensamos a produção a partir do requisitar. Também a ciência contemporânea e seus vários modos de produção: pesquisar, experimentar, projetar, financiar etc.⁷. Pois também o filosofar contemporâneo está sujeito a essa requisição enquanto é ele um modo de produção. O pro-duzir da própria arte, pelo qual Heidegger reservava tanto zelo, pode ser entendida contemporaneamente como estando subministrada por uma

⁷ Heidegger se ocupa desses modos do pro-duzir no seu ensaio *O tempo de imagem no mundo* (cf. Heidegger, 2003a).

tal requisição⁸. E, finalmente, os modos do pro-duzir presentes na educação.

3. O sentido topológico da técnica moderna (o circuito de requisições [*Kette des Bestellens*])

Em nossas principais fontes, notamos a mobilização do termo alemão “*Stand*” em duas circunstâncias de indagações análogas. Na conferência de 1953, Heidegger trabalha a expressão no contexto da indagação pelo traço do vir-adiante próprio à pro-dução técnica moderna. Infere-se que o ente assim pro-duzido deve ter um “estado”, “posição” ou “postura” [*stand*]. A pergunta então é: que postura é essa? Acompanharemos no próximo tópico a resposta de Heidegger articulada com o termo “*Be-Stand*”. Para agora importa destacar que a expressão “*stand*” dialogando ali com o verbo “pôr” [*stellen*] e, tão logo, com o sentido ôntico do pro-duzir, mirando o pro-duzido em sua “com-postura” [*Be-Stand*] – o ser-do-ente. Mas há outro sentido articulado sobre o mesmo termo. No seminário *Das Ge-Stell* (1949), a expressão “*stand*” também é trabalhada em contexto analítico semelhante. A dúvida, contudo, é sobre o “estado” [*Stand*] de não-proximidade em relação à “coisidade da coisa”. Neste caso, a expressão também poderia ser lida como “posição” ou “postura”, dirigindo a interpretação para o mesmo fenômeno que será elaborado em *A pergunta pela técnica*. Contudo, pretendo mostrar que na primeira ocasião (seminário de 1949) a expressão “*Stand*” pode ser lida e traduzida como “situação”, “circunstância”, “estância”, dialogando com o sentido de uma topologia ao invés de uma compostura – de uma

⁸ A maneira como, ainda na década de 1930, Heidegger aborda o tema da arte e o articula ao predomínio da metafísica estética pode ser entendido como o modo de pro-dução artística regida pela técnica moderna (cf. Heidegger, 2010).

relacionalidade dos entes ao invés de uma figura fundamental dos entes. A “*stand*” derivaria assim não dos sentidos contidos no verbo “pôr”, mas dos sentidos contidos no verbo “estar”. Indicaria então não a “compostura” do ente pro-duzido ao modo da técnica moderna, mas a “circun-stância” na qual o ente é colocado, ou seja, o lugar no qual o humano e sua produção se situam.

Essas duas possibilidades interpretativas (que diferenciarei com as expressões de sentido ontológico e de sentido topológico da pro-dução técnica moderna) não anulam uma a outra, mas mostram que há dois sentidos para aquilo que porventura Heidegger elabora com uma mesma expressão [*Be-Stand*]. Ambos são igualmente válidos e importantes na reflexão heideggeriana sobre a técnica moderna. Em geral, nota-se entre os comentadores um favorecimento da “*Be-Stand*” enquanto resposta para a pergunta relativa à compostura do ente. De fato, o caminho da busca heideggeriana parece conduzir para este sentido como mais próximo da almejada essência da técnica moderna. Contudo, a reflexão sobre a “*Be-Stand*” como *circunstância* ou *situação* na qual o humano e suas pro-duções se encontram é tão importante quanto. No presente tópico nos ocuparemos de demonstrar isso.

No interior da reflexão sobre o pro-duzir da técnica moderna, Heidegger eventualmente reconhece que um traço distintivo da pro-dução moderna em relação à pro-dução antiga é que na modernidade não apenas se pro-duz o ente, mas ele é sempre pro-duzido em conformidade a uma “cadeia de solicitações” [*Kette des Bestellens*]. Em *A pergunta pela técnica*, esse fenômeno aparece fortuitamente. Já nos *Seminários de Bremen* o tópico é mais cuidadosamente elaborado. Na conferência *Das Ge-Stell* nota-se que a tematização da especificidade da pro-dução moderna é o encadeamento [*Verkettung*], sendo feita então uma redução

fenomenológica desse fenômeno para dar continuidade à pergunta pela essência da técnica moderna.

Uma série de exemplos são mobilizados por Heidegger para trabalhar o modo dominante da produção da técnica moderna. Além da requisição ou provocação, esses exemplos manifestam também um encadeamento de requisições [*Verkettung des Bestellens*]. Quando Heidegger fala da produção técnica moderna que acomete o Reno, por exemplo, elabora a ideia de que através do requisitar, o rio tem sua energia transferida para uma série de outros lugares no interior de uma gigantesca rede de distribuição: “A represa, as turbinas, os geradores, os quadros de distribuição, a rede de distribuição elétrica” (Heidegger, 1994a, p. 28, tradução minha). Também quando fala dos “homens e mulheres”, os quais ordenam um do outro que assumam uma posição em relação a alguma tarefa no local de trabalho: “Um solicita informação do outro, demanda dele um retorno” (Heidegger, 1994a, p. 27, tradução minha). Ocorre que nesses exemplos está implicada, como condicionante ôntico do requisitar, uma cadeia de requisições. O que isso significa?

Pensemos a diferença entre o produzir manual e o produzir a partir de um maquinário. A máquina, pelo menos em seu formato moderno, é radicalmente distinta da ferramenta manual. A distinção que se busca evidenciar aqui não está no fato de a máquina permitir, na maioria dos casos, uma produtividade extravagantemente maior em relação ao labor manual. A distinção radical se manifesta quando nos perguntamos pelas condições necessárias para uma máquina moderna existir (seu poder vir-adiante). A máquina só existe no interior de um circuito [*Kreisgang*] que sustente sua existência. O que seria um computador se não houvesse a tomada para ligá-lo? Um mero trampolho. De que valeria uma tomada se não houvesse os cabos de distribuição de energia? De que valeriam estes se não houvesse a rede elétrica urbana?

De que valeria essa se não houvesse o gerador na usina hidrelétrica? E, finalmente, de que valeria essa se não houvesse o rio para alimentar todo esse circuito? Podemos concluir que o ente natural, o rio, agora está implicado na produção técnica não mais como mero rio, mas como recurso energético. Mas podemos concluir também algo sobre o circuito aí manifesto. Fica evidenciado que o modo de produção da técnica moderna está condicionado à existência da referida cadeia de requisição. O ente só é produzido ao modo da requisição porque ele pode se acomodar no interior de um circuito. Fora de tal circuito não há produção ao modo da requisição.

Assim apresentado, esse encadeamento de requisições poderia ser tomado como a estrutura concreta dos complexos industriais tecnológicos. Mas apesar de ser mobilizado diversas vezes junto a exemplos da produção industrial e mecanizada, parece-nos que Heidegger tenta evidenciar o caráter ôntico dessa estrutura, e não concreto. Podemos entender o trabalho do filósofo como o esforço de nos fazer ver uma espécie de condicionamento topológico da técnica moderna. Entendendo por topologia não o registro da espacialidade tal qual a física a concebe, mas como a rede de relações que cada ente deve assumir durante sua vigência como ente (cf. Saramago, 2008). Trata-se do fato de que cada ente está condicionado a uma situação, e o ente produzido ao modo da técnica moderna tem uma situação ou topologia que lhe é própria. Ao tomarmos a técnica moderna sob a mirada ôntica, tornou-se possível elaborar os modos de produção da técnica moderna fora daqueles exemplos vinculados apenas ao contexto concreto da industrialização mecanizada (explorar, transformar, armazenar, distribuir, aplicar). Relacionamos o requisitar a produções científicas, intelectuais, artísticas. Obviamente, tais produções não ocorrem no interior de uma linha de produção industrial.

Ainda assim, colocados em paralelo a essa estrutura de condicionamento topológico da pro-dução e do pro-duzido, podemos tomar tais exemplos como passíveis de serem entendidos no interior de uma mesma situação geral na qual a pro-dução ocorre.

O circuito de requisição tem importância no interior da reflexão heideggeriana sobre a técnica. Quando Heidegger, logo no início da conferência *Das Ge-Stell*, faz a pergunta pela situação [*Stand*] de nossa não-proximidade em relação à coisa, o filósofo imediatamente, e sem nenhum esclarecimento terminológico, responde: “*das Bestand*”. Como já aludimos, há dois caminhos interpretativos tanto para a maneira como a pergunta será entendida quanto para a resposta que será dada. Adotamos uma das traduções correntes para o termo “*Bestand*”, a saber, “estoque”, e acreditamos poder preservar assim ambos os caminhos. No caso do sentido topológico, a expressão “estoque” refere precisamente o “lugar” no qual se estoca coisas. Um “inventário”, um “armazém”, um “depósito”. O requisitar como modo de pro-dução da técnica moderna depende de um tal “lugar”, de um tal condicionante topológico que sirva como uma “armação” [*Gestellung*]⁹. Embora tenhamos localizado esse condicionante-ontológico a partir de exemplos que Heidegger utiliza, isso não quer dizer que esse fenômeno geral do “encadeamento de requisição” seja secundário. O filósofo o vincula ao tópico que, ainda veremos, identifica a essência da técnica moderna [*Ge-Stell*]. “O circuito de requisição ocorre na com-posição [*Ge-Stell*] e

⁹ O termo “armação” já se consolidou como uma das alternativas para traduzir “*Ge-Stell*” (que abaixo identificaremos com o sentido composicional). Contudo, como temos visto, “armação” é um termo mais pertinente ao sentido topológico da técnica. Adiante, ao tratarmos da tradução de “*Ge-Stell*”, retomaremos o assunto.

como com-posição” (Heidegger, 1994a, p. 32, tradução minha).

Agora já estamos em posse de dois elementos importantes na investigação heideggeriana da técnica moderna: já temos manifesto o sentido ôntico do pro-duzir da técnica moderna – assim como seus vários modos de produção e seu modo de pro-dução dominante, a requisição [*Bestellen*]; e também acabamos de manifestar a condição topológica do encadeamento de requisições, o estoque [*Bestand*]. Tendo em vista estes dois fenômenos, poderíamos nos perguntar: quem é responsável por quem? Qual deles é a causa do outro? Há momentos de seu trabalho nos quais Heidegger está interessado em explorar essa indagação. O filósofo se ocupa de perguntar pela proveniência da requisição [*Bestellen*] e do estoque [*Bestand*]. Vemos Heidegger recusar que a origem da requisição seja explicada em termos econômicos (como guiada por lucro), em termos antropológicos (como coisa humana), e é notório o trecho em que o filósofo recusa também que essa proveniência seja o próprio estoque. Não se trata nem de um de seus itens nem da totalidade dos itens. Não sendo isso, a pergunta permanece: qual é a origem da pro-dução e situação da técnica moderna?

4. O sentido ontológico da pro-dução moderna (a disponibilidade [*Bestand*])

Quando Heidegger ergue a pergunta pela “situação” da técnica moderna, o termo “*Stand*”, responsável por indicar o que está sendo interrogado, pode ser traduzido também por “posição”. Isto consequentemente muda o que procuramos como resposta. Agora a busca não é pela rede de relações na qual adentra o ente pro-duzido (topologia), mas pela própria “compostura” do ente ali posto, o traço fundamental do ente assim pro-duzido (ontologia). Reorientando a pergunta para

a “compostura” [*Stand*], trabalhamos o outro sentido da palavra “*Bestand*”. Curiosamente, poderíamos continuar traduzindo o termo para “estoque”. Pois a palavra tem também no português essa versatilidade. Ela pode indicar o estoque enquanto o lugar no qual se armazena coisas e pode indicar o estoque enquanto a coisa armazenada, o item estocado.

No seminário *Das Ge-Stell*, Heidegger eventualmente utiliza a expressão “*Bestand-Stück*” para referir aquilo que é pro-duto da técnica moderna. O termo composto pode ser traduzido como as “peças do estoque” ou, mais literalmente, as “*peças-estoque*”. A expressão aponta para o caráter do ente pro-duzido enquanto simultaneamente um estoque (um armazenado) e uma peça (algo isolado). Isto é, o ente pro-duzido, o que é trazido-adiante, em seu caráter de trazido-adiante pela pro-dução técnica moderna, é elaborado em termos de “*peça-estoque*”. Alguns detalhes são acrescentados pelo filósofo. Primeiro, que uma peça não é o mesmo que uma parte. A parte integra o todo; sem a parte o todo perde algo. Uma peça de um estoque não é imprescindível para o todo. Segundo, que a peça tem dificuldade de estabelecer uma relação íntegra não apenas com o todo, mas também com qualquer coisa. Mesmo quando colocada uma peça lado a lado com outra peça, semelhante sua, apesar das suas semelhanças de forma, elas não compõem nada a mais do que um amontoado. As peças dependem do circuito de requisição no qual são pro-duzidas. Para exemplificar esse caráter dependente, autocontido e não-relacional da peça, Heidegger ilustra com uma situação hipotética: caso pegássemos uma frota de automóveis e removêssemos de cada carro peça por peça e colocássemos essas peças em algum lugar, então veríamos que o resultado seria a imagem de uma espécie de “cemitério de automóveis”, um ferro-velho (Heidegger, 1994a, p. 36).

Portanto, agora a palavra “estoque” significa não só aquilo que repousa estante no estoque, isso é, o ente enquanto item do repositório, mas principalmente o aspecto do ente ali disponível enquanto um estocável. Para Heidegger, esse não é um simples aspecto que ora pode ser manifestado ora não, ele é o aspecto fundamental do ente no interior da produção técnica moderna. Estamos falando agora do ser-do-ente [*Sein des Seienden*] enquanto estoque [*Bestand*]. Na conferência *A pergunta pela técnica*, Heidegger é claro: o termo “*Bestand*” é inequivocamente empregado para nomear o modo fundamental do estar-adiante no qual o ente a partir da produção técnica moderna aparece (Heidegger, 2000, p. 17).

A expressão “*Bestand*” pode ser traduzida para uma variedade de termos em português. Há o já ventilado “estoque”, “acervo” e “inventário”, mas para evitar confusões, reservemos estes para o sentido topológico. “*Bestand*” também possui o significado de “existência” ou “subsistência”, mas a tradução direta para essas opções seria pouco esclarecedora e, no fim, nada intuitiva. Há ainda o significado de “*Bestand*” como “constante”, “duradouro”, “estável”, “persistente”, “seguro”. Contudo, uma nota de rodapé incluída por Heidegger no texto da conferência *Das Ge-Stell* nos adverte a não tomar a expressão neste sentido. Enquanto no corpo do texto Heidegger afirma: “Apenas o que assim requisitado a permanecer em prontidão como disponibilidade [*Bestand*] e no sentido de disponibilidade, é permanente”; no rodapé, o autor inclui o seguinte adendo: “a palavra [*Bestand*] é empregada no sentido de um disponível à requisição, i.e., não de algo constante. A constância consiste em uma requisição no interior daquela circunscrição” (Heidegger, 1994a, p. 28). De fato, a advertência é compreensível na medida em que entendemos que um contexto no qual as coisas estão em constante transformação, em fluidez e mutabilidade, pode

ainda assim se apresentar como um contexto no qual as coisas se encontram em constante prontidão para a requisição. Assim, o caráter estático não é o que melhor qualifica o ser-do-ente da pro-dução técnica moderna. Embora variem as opções de tradução, o sentido geral dessas variações é limitado. No contorno destas possibilidades podemos visualizar o que Heidegger está tentando apontar com o uso da palavra “*Bestand*”. Há uma espécie de condensação de três sentidos gerais: estoque, existência e constância. Essa condensação reflete o existente em sua estabilidade no interior de um estoque, no qual se encontra pronto para a aplicação. Dizemos que um tal ente está disponível [*Bestand*]. E este é o termo que julgamos mais adequado para a tradução da expressão heideggeriana “*Bestand*” no contexto em que ela visa o aspecto fundamental do ente, o ser-do-ente da pro-dução técnica moderna¹⁰.

Ora, deve haver algo que recuse vir-adiante como um disponível. Heidegger sugere o ente natural como elegível a tal recusa. Essa sugestão é colocada à prova pelo filósofo. Mas após breve consideração acerca da disciplina responsável por pensar os fenômenos da natureza, *i.e.*, a física, Heidegger conclui que todo e qualquer fenômeno natural é também compreendido como estoque de energia e matéria. Aliás, no interior das ciências da física, o ente natural precisa ser compreendido dessa maneira. A biologia contemporânea também reduz o fenômeno da vida em geral como um caso de transferência de energia. O vir-adiante da natureza, mesmo lá onde ela não passa por uma linha de produção em sentido restrito, *i.e.*, nas reservas ecológicas, nos parques florestais etc. Mesmo aí a natureza já se transformou em ponto turístico e

¹⁰ Na tradução que Emmanuel Carneiro Leão faz da conferência de 1953, “*Bestand*” é traduzida por “disponibilidade”. Cf. *A questão da técnica* (Heidegger, 2012).

está disponível para adentrar nos roteiros de entretenimentos (que por si mesmo são peças do circuito de aplicabilidade). Mesmo o espaço fora da Terra é hoje observado sob a promessa de prover um ambiente habitável e recursos energéticos e materiais. A conclusão é de que o ser-do-ente como disponibilidade enquadra qualquer ente com o qual se relaciona o humano mobilizado pela técnica moderna. Não apenas o ente pro-duzido, o pro-duto final, mas também os entes mobilizados nesse circuito de pro-dução, os recursos iniciais e mediadores (instrumentos) da pro-dução. “Como se pode ver, a essência da técnica não são as máquinas, os instrumentos, os aparelhos. Tudo isso não passa de figurantes. A essência mesma é a funcionalidade de tudo e de todos (...)” (Carneiro Leão, 2004, p. 76).

Também o humano, para Heidegger, pode ser constatado como tendo se tornado um ente cujo estar-adiante é ao modo da peça-estoque: no interior da pro-dução técnica moderna, cada humano é equivalente um ao outro no sentido de ser imediatamente substituível; cada humano se encontra em prontidão para a referida pro-dução.

Com o nome ‘peça’ [*Stück*] usualmente colocamos para nós algo de inerte, embora se fale também em uma peça de gado [*Stück Vieh*]. As peças-de-estoque [*Bestand-Stücke*] ainda assim são a cada vez trazidas para um requisitar [*bestellen*], no qual são posicionadas [*gestellt*]. Evidentemente, o humano também pertence àquilo que é assim posicionado, ainda que ao seu próprio modo, seja enquanto serve à máquina, seja enquanto constrói e opera a máquina do interior de um requisitar da maquinação. Na época do domínio tecnológico, em sua essência o humano é posicionado na essência da tecnologia, na com-posição [*Ge-Stell*]. A sua própria maneira, o humano é uma peça-de-estoque [*Bestand-Stück*] no sentido estrito das palavras ‘peça’ e ‘estoque’. O humano é substituível no interior da requisição do estoque. Que ele seja uma peça-de-estoque permanece como pressuposto ao fato de que ele pode se tornar o funcionário de uma requisição” (Heidegger, 1994a, p. 37, tradução minha).

5. O sentido histórico-ontológico da pro-dução moderna (a destinação histórica [*Geschichte*])

O tópico que pretendemos explorar agora, o sentido histórico-ontológico, aparece no contexto da pergunta pela origem da técnica moderna. A essa altura, já se considera que perguntar pela origem da técnica moderna implica concebê-la em pelo menos três dos sentidos já ventilados: em seu sentido ôntico, que revela o modo dominante da pro-dução moderna (a requisição [*Bestellen*]); em seu sentido topológico, que conduz à situação da pro-dução moderna (o estoque [*Bestand*] ou circuito de requisição [*Kette des Bestellens*]); e em seu sentido ontológico, que põe em manifesto o ser do ente da pro-dução moderna (a disponibilidade [*Bestand*]). Heidegger rejeita que a pergunta pela origem articulada desses fenômenos seja orientada para o maquinário industrial moderno ou para a ciência moderna. Para o filósofo, nenhum deles serve como resposta¹¹. Uma consideração sobre o

¹¹ Ao rejeitar o maquinário industrial como resposta, em geral, o argumento do filósofo é que a máquina necessita antecipadamente de um regime que possibilite pro-duzir o próprio maquinário. Assim como a rotação não é algo que deriva da roda, mas é a roda que se aproveita da rotação, também a máquina não pode ser entendida como a origem da técnica moderna. Heidegger ainda reconhece que a ciência moderna é a primeira expressão da pro-dução técnica moderna. Ainda que o maquinário industrial tenha surgido apenas na segunda metade do século XVIII, “a postura requerente do humano mostra-se, em primeiro lugar, no surgimento da moderna e exata ciência da natureza” (Heidegger, 2000, p. 22 / trad., p. 386). Mais adiante, “o recolher que desafia no desabrigar requerente [*das herausfordernde Versammeln in das bestellende Entbergen*] já impera na física, embora propriamente ainda não se manifeste nela” (Heidegger, 2000, p. 23 / trad., p. 386). É porque Heidegger trata a técnica moderna no sentido ôntico da requisição que o filósofo pode observar a presença da técnica moderna nas ciências modernas da natureza, antes mesmo de tais ciências se tornarem “ciências aplicadas” ou “ciências experimentais”, cuja aplicação e experimentos viriam a ser amparados pelos instrumentos técnicos

próprio sentido ontológico pode nos aproximar da resposta que Heidegger dá a essa indagação.

Já vimos que podemos interpretar a pergunta pela “*stand*” e a resposta “*Bestand*” de duas maneiras: como estoque [*Bestand*] enquanto o armazém (no sentido topológico); como estoque [*Bestand*] enquanto o armazenado em seu aspecto fundamental de ser um disponível [*Bestand*] (no sentido ontológico). Essa segunda direção interpretativa, mais recorrente nos comentários e, de fato, mais trabalhada por Heidegger, pode por seu turno ser tomada também ela em duas direções. Há como que uma dupla “cidadania” do ser-do-ente na reflexão heideggeriana em direção à essência da técnica moderna. Por um lado, o ser-do-ente é um achado no percurso da investigação. Encontrado por uma reflexão conduzida no sentido ôntico do pro-duzir. A partir de uma circunspecção no modo de ser daquilo que é pro-duzido e aquilo que é mobilizado na pro-dução ao modo da técnica moderna, Heidegger nos aponta para esse achado, a disponibilidade [*Bestand*]. Assim como os apontamentos de Heidegger a respeito da ciência moderna, também aqui nos parece que a proveniência da técnica moderna residiria na condição ontológica desse pro-duzir (o ente precisa antecipadamente estar aberto ao modo da disponibilidade). A disponibilidade poderia ser entendida como um efeito da técnica moderna, como o efeito da produção humana ao modo da requisição: a disponibilidade é precisamente o aspecto fundamental do ente pro-duzido pelo humano. Por outro lado, parece que o inverso também poderia ser o caso: é o estar-adiante ao modo fundamental da disponibilidade que instiga o humano à pro-dução técnica da requisição e da pro-vocação no interior da situação técnica do estoque. Tomado dessa

modernos e, portanto, dariam vazão a sua expressão mais emblemática com a industrialização e maquinários.

forma, a disponibilidade consistiria na própria condição ou causa ontológica da técnica moderna.

Essa precedência do estar-adiante ao modo da disponibilidade parece estar indicada por Heidegger quando lemos nos textos a expressão “desvelamento” [*Unverborgenheit*] no contexto de elaboração do sentido ôntico da pro-dução. Com alguma atenção, podemos notar que a expressão não significa o mesmo que “pro-duzir”. Ou seja, apesar de ser mobilizada como um modo de pôr e por vezes aparecer em paralelo aos modos do pro-duzir, a expressão “desvelamento” [*Unverborgenheit*] não diz respeito ao sentido ôntico, pelo menos não na medida em que o compreendemos no interior do fazer humano (precisamente como o trazer-adiante no qual o humano tem parte). Nos contextos em que Heidegger fala da “pro-dução”, o humano é endereçado em seu caráter ativo. O humano pro-duz. Mas nos contextos em que Heidegger fala do desvelamento, o humano aparece passivamente, sendo antes o desvelamento que toma o humano e libera para ele o seu espaço de ação. Ambas as expressões, por vezes, têm como objeto direto a disponibilidade (o humano pro-duz um ente disponível; o desvelamento desvela o ente como disponível), mas o sentido do “pôr” em cada caso é distinto. Por isso falamos em “dupla cidadania” da disponibilidade enquanto o estar-adiante fundamental na técnica moderna. No primeiro caso, a cidadania da disponibilidade pertence ao escopo da atividade humano enquanto resultado de sua pro-dução. No segundo caso, a disponibilidade tem sua cidadania em outro domínio, que é precisamente o domínio da sua proveniência. A expressão “desvelamento” indica a doação originária do ser-do-ente. Iremos tratar este como o sentido histórico-ontológico. É a presença do termo “histórico” que muda tudo aqui.

No interior dos *Seminários de Bremen*, Heidegger ensaia a noção de história a partir de uma aproximação entre os termos alemães “*Geschichte*” e “*Geschik*”. A história deixa de ser pensada como sucessão de fatos, e também não é pensada como o resultado cumulativo dos vários feitos humanos. O filósofo se faz valer da expressão “*Historie*” para aludir ao sentido corriqueiro de história, e reserva a expressão “*Geschichte*” para aludir ao sentido que visa trabalhar. Se por um lado, a “*Historie*” é entendida como o resultado dos feitos humanos, a “*Geschichte*” é pensada como o que libera o humano a realizar seus feitos. No alemão, a palavra “*Geschik*” significa “destino”. A expressão vem do verbo “*schicken*”, que diz “enviar”, “pôr a caminho”. Ao explorar esta proximidade terminológica entre “*Geschichte*” e “*Geschik*”, Heidegger pretende ressaltar na história o seu caráter de destinação. Para nós de língua portuguesa, o termo “destino” provém do latim e é composto pelo prefixo “*de-*” e pelo verbo “*stare*” como radical. Enquanto o verbo significa “estar de pé”, “ficar firme”, “persistir”, o prefixo exprime a ideia de um movimento que vem de cima para baixo, como manifesto nos termos “decair” ou “decrecer”. Como verbo composto, “*destinare*” diz “colocar em posição erguida”, “fazer algo ficar firme”, “afirmar” e “estabelecer”. Com este sentido de “determinar”, como quem erige uma casa e a determina como lugar da morada, o verbo “*destinare*” passou a assumir o sentido de “sorte” ou “fortuna”, em suma, “aquilo que para nós foi afirmado e ao qual desde sempre estamos determinados”. Na proximidade entre destino e história, entende-se que a história “ergue” o humano, o ajusta em determinada direção e o envia, como quem imperativamente diz “vai por aqui”. A história como destino, portanto, é a força que circunscreve os caminhos nos quais o humano poderá trilhar o curso de sua vida.

Não se pretende dizer com isto que a história determina que uma pessoa nascida, por exemplo, no século tal tenha sua

vida configurada pelas condições socioeconômicas daquela época. Quando fala em destinação, quando fala em “pôr a caminho”, o filósofo está se referindo à destinação originária, *i.e.*, ao franqueamento hermenêutico-ontológico. “Pôr a caminho [*Auf einen Weg bringen*] significa: destinar [*schicken*]”. E para esclarecer a noção de destino, Heidegger acrescenta que “denominamos de destino [*Geschick*] a força de reunião encaminhadora [*versammeldne Schicken*], que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo destino que se determina a essência de toda história [*Geschichte*]” (Heidegger, 2000, p. 25; trad. p. 27; grifo no original). A própria experiência cotidiana de compreensão do ente, isto é, daquilo com o que nos relacionamos a todo momento, é o que compõe o objeto da destinação:

Qualquer coisa que o humano faça ou experimente, ele sempre encontra a si já entre coisas (inclusive os outros) que não estão escondidos dele e que, assim, em algum sentido já ‘falam com’ ele, desde um chamado [*Anspruch*] para o que eles são. De partida, seres humanos são invariavelmente reunidos, não apenas para a relação com coisa, mas para um modo de ser particular a eles. Que essas coisas não estejam escondidas deles é algo que já tomou lugar sempre que o des-velamento chama a eles (assim é sua essência) para descobrir coisas de um modo determinado. No caso da tecnologia moderna, seres humanos colaboram no desafiar a natureza, mas apenas em virtude de serem eles mesmos desafiados a fazê-lo desse modo. Eles são reunidos no processo de desafiar a natureza (...). Em outras palavras, é apenas enquanto os seres humanos são eles próprios desafiados a pro-duzir as energias da natureza à força que o modo de pro-dução da tecnologia moderna pode acontecer. Esse desafiar faz história antes mesmo de ser parte de um registro histórico, um legado de um modo de pensar e agir que tem sido transmitido para a humanidade moderna, definindo a tecnologia moderna (Dahlstrom, 2019, p. 48-49).

Ao tensionar esta aproximação entre destino e a dádiva ontológica, Heidegger cunha a expressão “história-do-ser” [*Seinsgeschichte*]. O humano está submetido à história-do-ser a cada vez que se encontra com qualquer ente diante de si.

“Estar submetido” significa aqui ser apropriado pela própria história-do-ser. Neste apropriar [*ereignen*], por um lado, o humano é passivamente apropriado: é submetido a uma destinação; por outro lado, este acontecimento apropriativo [*Ereignis*] faz com que o humano então se ocupe ativamente da parcela de ser que lhe é destinada: leva à efetivação a possibilidade de estar em contato com as coisas. Há nesse acontecimento uma partilha do ser, a estadia da sua vigência¹².

Heidegger descreve várias épocas na história-do-ser. Cada época sustenta o ser-do-ente a um modo específico. A antiguidade grega, de acordo com Heidegger, destinou o humano na revelação do ente ao modo da presença. O medievo destina o humano na revelação do ente ao modo da criação divina. A modernidade destina o humano na revelação do ente ao modo da representação e da objetividade. Finalmente, na época da técnica moderna, o ente sequer ocorre ao modo do objeto, pois o ser do ente é fundamentalmente destinado como disponibilidade.

O que se presentifica pode anunciar a si mesmo como algo produzido por um produtor, este mesmo constante e onipresente. O que se presentifica pode oferecer a si mesmo como o que é pro-duzido pela representação humana, para ela e a partir dela. O que se presentifica é assim um objeto oposto à representação; representação, como *percipere*, é o *cogitare* do *ego cogito*, da *conscientia*, da autoconsciência do sujeito. O que perdura em oposição [*der Gegenstand*] é o objeto [*das Objekt*] do sujeito. O que se presentifica,

¹² A estadia da vigência do ser compreende o sentido mais próprio da palavra grega “*epokhē*” [ἐποχή]: espera, paragem. É neste contexto reflexivo que Heidegger introduzirá uma nova notação para pensar o ser: utilizará a grafia alemã arcaica que escrevia “*Seyn*”, que pode ser emulada no português com o termo “seer” (a proposta de tradução, que recobra a antiga grafia portuguesa do termo “ser”, é de Marco Antônio Casanova). Enquanto “ser” dizia respeito à pré-compreensão mobilizada a todo momento em que compreendemos algo, a palavra “seer” integrará o elemento histórico desta compreensão, que destina o humano e o coloca numa paragem compreensiva, numa determinada época do ser.

contudo, pode também ser algo constante no sentido das peças do estoque, que, enquanto permanentemente requisitáveis, são colocadas naquele posicionar onde vige a com-posição” (Heidegger, 1994a, p. 38, tradução e grifo meus).

Começamos este tópico nos perguntando pela proveniência da pro-dução moderna. Agora estamos em condição de responder. Para Heidegger, a proveniência da pro-dução ou técnica moderna consiste no seu sentido histórico-ontológico, *i.e.*, na destinação que apropria o humano em um desvelamento do ser-do-ente ao modo da disponibilidade.

6. O sentido composicional da pro-dução moderna (a com-posição [Ge-Stell])

O acompanhamento da pergunta pela essência da técnica permitiu expor até aqui sentidos e fenômenos suficientes para, finalmente, identificar a almejada “essência da técnica moderna”. Para isso, é necessária uma palavra que concentre e reúna tudo o que vimos até aqui. A palavra que Heidegger escolhe é “Ge-Stell”. Nos dicionários, o termo é traduzido por “cavelete”, “esteio”, “suporte”, “armação”, “quadro”, “estrutura”, “esqueleto”, “estante”, “chassis”. Será que alguma dessas palavras indica a essência da técnica moderna? Por que Heidegger usa tal expressão para nomear tão complexo fenômeno? Há pelo menos três sentidos gerais que podemos constatar nos usos da expressão “Ge-Stell” por Heidegger: como nome; como conjunto; e como época da história-do-ser. Esses três sentidos, é claro, podem ser articulados entre si. “Ge-Stell” é o nome do conjunto de fenômenos que, cada um ao seu modo, constitui a época da técnica moderna. Consideremos os três modos de Heidegger empregar a expressão para esclarecer o assunto.

Nas primeiras aparições, a palavra “*Ge-Stell*” é proposta como nome. A sentença na qual Heidegger apresenta a expressão começa com “nós agora nomeamos (...)”, é intercalada por uma breve exposição daquilo que está sendo nomeado; e finaliza com o nome “*Ge-Stell*” (Heidegger, 1994a, p. 32; Heidegger, 2000, p. 20). Adiante, o filósofo reconhece que na filosofia, a depender do que se nomeia, nenhuma palavra é suficientemente clara. Heidegger relembra o autor da doutrina das ideias, que tomou préstimo da corriqueira palavra grega “*eîdos*” [εἶδος] empregando-a em um sentido absolutamente novo, para pôr adiante (pro-duzir) algo não visto até então. Heidegger reconhece que há, portanto, uma certa extravagância no exercício filosófico quando precisa tomar palavras da língua ordinária para nomear o extraordinário (Heidegger, 2000, pp. 20-21). O filósofo sugere ser também este o caso para aquilo que o nome “*Ge-Stell*” visa nomear. Naturalmente, qualquer opção de tradução enfrentará a mesma dificuldade que o próprio Heidegger enfrenta ao propor o termo alemão “*Ge-Stell*”. Por ora, aderimos à expressão “com-posição”, colocada por Marcia Sá Cavalcante Schuback, uma vez que mantém vigente a componente “*stellen*” desde nossa preferência em traduzi-la com o verbo “pôr” e ainda traz o prefixo “com”, que sugere precisamente aquilo que pretendemos enfatizar aqui: a conjunção dos condicionantes ôntico, ontológico e histórico da técnica moderna¹³.

¹³ Outra tradução usual para “*Ge-Stell*” é “*armação*”. Acerca dessa opção (que tem o termo “*enframing*” como seu paralelo anglófono), reproduzo o comentário crítico de Andrew J. Mitchell: “Heidegger traz o termo ‘*Ge-Stell*’ com a intenção explícita de que tal nome expresse algum tipo de conjunção [*gathering*]. A conjunção de todo *Stellen*, de todo posicionar, alocar, pôr, como esse movimento básico tem se mostrado a si mesmo no atual mundo de dominação tecnológica, assim como no decorrer da história da filosofia Ocidental desde seu início com os gregos. Heidegger distingue, explicita e custosamente, o que ele entende por posicionamento [*positionality*] de

O nome “com-posição”, tanto nos *Seminários* quanto na conferência de 1953, é apresentado em uma sequência de parágrafos que primeiro fala das palavras “*Gebirge*” e “*Gemüt*”. Ambas as expressões nomeiam coletivos de coisas. “*Gebirge*” diz cordilheira, o coletivo de montanhas. “*Gemüt*” se traduz por “ânimo”, mas no alemão carrega o sentido coletivo dos vários sentimentos que compõem um determinado estado de ânimo. Logo após mencionar a cordilheira e o ânimo, Heidegger escreve: “Nós agora nomeamos a autoconjunção reunidora [*gesammelte Versammlung*] do posicionar [*des Stellens*], no qual todo requisitável [*Bestellbare*] se presentifica no interior do estoque [*Bestand*], a com-posição [*das Ge-Stell*]” (Heidegger, 1994a, p. 32, tradução minha, grifo no original). O nome, desse modo, nomeia a conjunção das pro-duções, da situação e do ser-do-ente na época da técnica moderna. “Com-posição” nomeia o conjunto no qual estão incluídos os vários modos de pro-dução que já vinham sendo refletidos por Heidegger como manifestados em um modo dominante de pro-dução, o *requisitar* ou o *desafiar*. “Com-posição” também nomeia, no interior desse conjunto, a situação do *estoque* na qual tudo o que é requisitado se acomoda e recebe, inversamente, uma provocação para ser pro-duzido ao modo da requisição. Finalmente, “com-posição” nomeia esse mesmo

qualquer ‘enquadramento’ como o termo tem sido traduzido. Posicionamento, Heidegger nos diz, não é uma estrutura como uma estante que armazena seus conteúdos, nem é como uma fonte d’água que circunscreveria seu conteúdo. Também não é como um esqueleto (tal qual a nota de um manuscrito nos adverte), que daria consistência à carne desde dentro. Esse sentido grosseiro de estrutura e enquadramento não deve ser ouvido no termo ‘posicionamento’. Heidegger marca ele mesmo essa diferença quando explicitamente distingue entre posicionamento [*positionality*], *das Ge-Stell*, e estrutura, *die Gestelle*. A propagação do posicionamento não é, portanto, a de uma estrutura que cerca de fora, mas, em parte, um processo de recrutamento [*Gestellung*] que compele e obriga tudo o que encontra para o circuito de aplicabilidade” (Mitchell, 2012, p. xi, tradução minha).

conjunto no qual ainda está incluso o aspecto do ente como *disponível*, o ente enquanto produzido ao modo da *requisição* no interior do *estoque*.

Porque nomeia um conjunto, por vezes o termo “com-posição” ocorre para referir alguma qualidade particular dos elementos do conjunto. Mas não podemos deixar escapar o fato de que um conjunto por si mesmo tem sua determinação. Um coletivo enquanto tal não é apenas o agregado de coisas idênticas. Uma matilha enquanto um coletivo de lobos apresenta para uma presa desafios distintos daqueles apresentados por cada lobo sozinho. Nesse caso, a soma de $1+1$ não resulta em 2. A matemática não concebe esse resultado porque a soma matemática rejeita a atualidade daquilo que se ajunta. Para a matemática, $1+1$ é, se muito, duas entidades idênticas lado a lado, uma relação de equivalência. O nome “com-posição”, enquanto nomeia um conjunto, é mais do que o rótulo que envelopa a série dos fenômenos elaborados até aqui. Pensando assim, então a com-posição ainda deve indicar algo por si mesmo.

Nos *Seminários de Bremen*, Heidegger se estende no tratamento da com-posição. Alguns verbos são associados ao fenômeno, sugerindo de fato que o conjunto enquanto tal tem um impacto próprio. Aparecem, por exemplo, verbos associados ao acontecer da com-posição: arrastar [*ziehen*]; rasgar, romper, torcer, arranca [*reißen*]; encurtar, franzir, ceifar [*raffen*].

“A com-posição arrasta [*zieht*] o requisitável [*Bestellbare*] para o interior do circuito de requisições [*Kreisgang des Bestellens*], acostumando-o ali, e assim vinculando-o a algo constante [*Beständige*] no estoque [*Bestand*]. Ela [a com-posição] corrompe [*reißt*] tudo juntamente em requisitabilidade [*Bestellbarkeit*]. De tudo o que se apresenta ela [a com-posição] se apodera [*rafft*] enquanto requisição e

é assim o ajuntamento desse apoderamento [*Raffens*]. (Heidegger, 1994a, p. 32, trad. minha).

A com-posição como pro-dução requisitante, rede de requisições e disponibilidade arrasta, corrompe, ceifa. Verbos claramente associados a um acontecimento violento. Além dos verbos, a com-posição também é associada a certos substantivos particulares no texto de Heidegger. Aparecem, por exemplo: franzido, curto, ceifado, apoderado [*Raffens*]; pilhagem [*Geraff*]; impulso [*Treibens*]. Entre esses verbos e substantivações, fica sugerido que a com-posição enquanto tal, enquanto a reunião daqueles sentidos da técnica moderna nos tópicos anteriores, é um acontecimento de violência. Uma violência em relação ao humano, ao ente e ao próprio ser¹⁴. Na conferência de 1953, o nome “com-posição” aparece sem se falar de “conjunção” [*Versammlung*]. A frase de apresentação do nome é formulada de maneira semelhante àquela do seminário de 1949. Contudo, a expressão ali é “invocação provocativa” [*Anspruch herausfordernden*]. Nesse caso, já estamos imediatamente colocados na posição de interpretar a com-posição como algum tipo de impulso ou invocação. Além dos já mencionados verbos conjugados a partir do nome “com-posição”, também ainda as expressões “pôr” ou “posicionar” [*stellen*] são vastamente empregadas. Já vimos antes que o “pôr” é tratado por Heidegger no sentido

¹⁴ O tema do perigo da técnica moderna não será abordado neste artigo. Sucintamente, podemos afirmar que o perigo [*Gefahr*] é apresentado primeiro como algo próprio à dinâmica do desvelamento histórico-ontológico (toda destinação que doa ser também falsifica a si mesmo no interior dessa destinação, não aparecendo como enquanto tal) e depois como o mais elevado perigo [*die äußerste Gefahr*] ou o mais perigoso do perigo [*das Gefährlichste der Gefahr*] (o falsificar da técnica moderna é peculiar, pois obstrui fatalmente a possibilidade de o humano ter uma relação genuína com a destinação, perpetuando assim o destino técnico). Portanto, a com-posição é violenta em sentido histórico-ontológico, embora os sinais da violação ocorram nos outros sentidos também.

ôntico do pro-duzir, mas também é por vezes colocado de maneira genérica, servindo tanto para o pôr da natureza quanto da técnica. Em tais casos, pode nomear ainda aquele “pôr” a partir do qual ocorre a doação do ser-do-ente. Ou seja, o “pôr” como o desvelamento no sentido histórico-ontológico. O impulso ou a invocação pertinente à com-posição enquanto tal é, precisamente, a doação do ser-do-ente. Aquela série de fenômenos descobertos ao longo da análise heideggeriana acerca da “essência da técnica” são conjuntamente nomeados com-posição não porque esses fenômenos podem ou não ser concentrados em uma única noção, mas porque eles têm como proveniência um modo de desvelamento e destinação histórico-ontológica que, essa sim, precisa ser nomeada. Quando esses fenômenos componentes da técnica moderna são nomeados em seu conjunto pela palavra “com-posição”, o termo exprime precisamente a destinação epocal do ser-do-ente ao modo da disponibilidade, que condiciona o humano à pro-dução ao modo do requisitar, e que está de partida condicionado ao circuito de requisições¹⁵. Pois esse é o fenômeno que concentra a pluralidade de fenômenos da técnica moderna. Entendida em seu caráter histórico-ontológico, a com-posição é o fenômeno que concentra a *essência* da técnica moderna.

¹⁵ Tal condicionamento do homem à produção não o atinge apenas na forma de um trabalho braçal, industrial, tecnológico ou científico, mas também onde ele julga ser “reflexivo”, “crítico” e “pensante”. A pro-vocação é, de saída, uma modificação e delimitação do que é pensável — incluso sua própria condição de pro-vocado. “O vigor do desvigoramento do pensar e do dizer que o mundo da técnica planetária supõe já é ele mesmo a exposição vigorosa de que ser é ele mesmo” (Schuback, 2022, p. 80).

Conclusão

Os tópicos acima elucidaram os seis sentidos contidos no trabalho heideggeriano sobre a técnica moderna. Durante o desenvolvimento, já ficou sugerida a articulação que esses sentidos possuem entre si. Podemos explicitá-la da seguinte forma. O sentido instrumental da técnica manifesta o caráter corriqueiro da compreensão de técnica e, dessa forma, dá-se como gatilho e abertura para uma investigação fenomenológica da técnica moderna. Ainda que no decurso desse exame o sentido de técnica seja alterado, ele também é porventura retomado para que a busca confirme ou reforce seus achados. O segundo sentido da técnica é o ôntico, que abarca a noção fundamental de pro-dução, de trazer o ente à presença. Também o instrumento é uma pro-dução, mas não só ele. Todo trazer-adiante é entendido aqui como uma pro-dução ôntica. Esse sentido permite que o trabalho encontre e exponha os vários modos de pro-dução predominantes na época da técnica moderna, e que são concentrados em um modo geral: o requisitar ou provocar. A pro-dução moderna tem também uma topologia que lhe ampara, uma rede de relações na qual o ente pro-duzido se acomoda: o estoque. Esse é o sentido topológico de todo o pro-duzir: trazer-adiante é também acomodar o ente em uma relacionalidade com outros entes, em uma situação. A pro-dução e a situação da técnica moderna favorecem um modo específico do estar-adiante: a disponibilidade. A disponibilidade é, assim, o sentido ontológico da técnica porquanto mostra o ser do ente, o sentido básico e fundamental de ser ente na época da técnica moderna. A articulação dos três últimos sentidos da técnica moderna (ôntico como requisitar; topológico como estoque; e ontológico como disponibilidade) deflagra que um não é causa do outro como precedência temporal, mas todos eles se sustentam mutuamente. A indagação pela proveniência de tal encadeamento ontológico leva à consideração sobre o sentido

histórico-ontológico da técnica, que consiste em uma destinação, um impulso originário que abre e desvela o ente ao modo da disponibilidade. Ao fim, a destinação da técnica moderna é nomeada “com-posição” [*Ge-Stell*]. A com-posição é o conjunto dos sentidos elaborados ao longo da pesquisa de Heidegger e acontece como impulso que desvela o ser-do-ente ao modo da disponibilidade, na rede de requisições, permitindo a produção da requisição, e que assim destina o humano o e mantém vinculado à época da técnica moderna.

Ao se concentrar no contexto reflexivo maduro de Heidegger sobre a técnica, o artigo ofereceu uma exposição exaustiva dos sentidos de técnica ali contidos. “Fundamental” refere aqui o fato de que qualquer tratamento da questão da técnica no pensamento heideggeriano precisa evocar, explícita ou implicitamente, pelo menos um desses seis sentidos – e, para poder tratar da essência da técnica, precisa necessariamente falar do sentido composicional, que como se tentou mostrar, articula-se com pelo menos outros quatro sentidos (ôntico, ontológico, topológico e histórico-ontológico). Há outros temas importantes na reflexão de Heidegger sobre a técnica, mas que não compõem necessariamente um entendimento ou sentido de técnica propriamente, isso porque são temas articuláveis a algum dos sentidos aqui expostos (como por exemplo, os temas do perigo [*Gefahr*] e da salvação [*Rettende*], da virada [*Kehre*], da coisa [*Dinge*]). Com essa conclusão em mente, é possível abrir caminhos investigativos, tanto em termos exegéticos (no qual se buscaria por abandonos, desenvolvimentos, articulações ou novidades no interior do *corpus* heideggeriano), quanto em termos reflexivos sobre a contemporaneidade desses sentidos (no qual se perguntaria: algum desses sentidos ainda serve para pensar o nosso contexto?).

Referências

BORGMANN, Albert. Technology. In: Hubert L. Dreyfus e Mark A. Wrathall (org.). *A companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005. p. 420-432.

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. Heidegger e a ética. In: *Revista Tempo Brasileiro - Caminhos da ética*, n. 157. Rio de Janeiro, abr.-jun., 2004.

DAHLSTROM, Daniel O. Im-position: Heidegger's analysis of the essence of modern technology. In: WENDLAND, Aaron James; MERWIN, Christopher; HADJIOANNOU, Christos (org.). *Heidegger on technology*. New York: Taylor & Francis, 2019. p. 39-56.

HEIDEGGER, Martin. O tempo de imagem no mundo. In: *Caminhos de floresta*. Tradução de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 95-138.

HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik [1953]. In: *Vorträge und Aufsätze*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000. (Gesamtausgabe Band 7) (p. 5-36) (Tradução português brasileiro: A Questão da Técnica (tradução de Marco Aurélio Werle). *Scientiæ zudia*, São Paulo, v. 5, n. 3. 2007. p. 375-398.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Das Ge-Stell [1949]. In: *Bremen und Freiburg Vorträge*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994a. (Gesamtausgabe Band 79) (p. 24-45) (Tradução inglesa: Positionality. In: *Bremen and Freiburg Lectures: insight into that what is and basic principles of thinking*. Tradução de Andrew J. Mitchell. Indiana University Press, 2012. p. 23-43.

HEIDEGGER, Martin. Die Gefahr [1949]. In: *Bremen und Freiburg Vorträge*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann,

1994b. (Gesamtausgabe Band 79) (p. 46-68) (Tradução inglês: The Danger. In: *Bremen and Freiburg Lectures: insight into that what is and basic principles of thinking*. Tradução de Andrew J. Mitchell. Indiana University Press, 2012. p. 44-63.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 11-38.

IHDE, Don. *Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth*. Indiana: Indiana University Press, 1990.

MITCHELL, Andrew J. Translator's Foreword. In: HEIDEGGER, Martin. *Bremen and Freiburg Lectures: insight into that what is and basic principles of thinking*. Indiana: Indiana University Press, 2012. p. vii-xvi.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de Anderson de Paula Borges. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

SARAMAGO, Lgia. *A Topologia do Ser*. São Paulo: Editora Loyola; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. A Poética da Linguagem: notas de leitura e tradução de A Caminho da Linguagem de Martin Heidegger. In: *Revista Enunciação*, v. 7, n. 1, 2022. p. 76-101.

STEIN, Ernildo. *Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

(Submissão: 11/11/25. Aceite: 03/08/26)